

A feminilidade e a inveja do pênis em Freud

(...) De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (Freud, 1976 [1932-1933], p. 144).

Dois coisas logo nos chamam a atenção quando nos debruçamos sobre o tema da feminilidade na obra de Freud. A primeira delas é o fato de não encontrarmos nos homens nada que se compare aos percalços enfrentados pelas mulheres no caminho para a sexualidade adulta normal. Em segundo lugar, é possível verificar que Freud enfrentou, em relação à teorização da sexualidade feminina, dificuldades bem maiores do que em relação à da sexualidade masculina. Só esta última observação já seria digna de nota: por que Freud viu-se tão envolvido com a feminilidade? Nas palavras de Arán (2002, p. 66), “tornar-se homem é quase uma evidência”. Parece ser possível depreender daí, não só que há um percurso para que o ser humano dotado do órgão sexual feminino transforme-se em mulher, como também, que esse processo é mais tortuoso do que aquele realizado pelos homens. Freud nos dá testemunho disso em algumas passagens:

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos (Freud, 1976 [1925], p. 312).

Ademais, a comparação com o que acontece com os meninos nos mostra ser o desenvolvimento de uma menininha em mulher normal mais difícil e mais complexo... (Freud, 1976 [1933], p. 145).

O modo como Freud pensou a diferença sexual, a partir da primazia do falo (Freud, 1976 [1923b], p. 180), afetou toda a sua teoria sobre a sexualidade feminina. O que ele considera como o mais característico deste processo – a passagem da sexualidade masculina para a feminina – é uma consequência direta dessa primazia. Como na infância só se pode falar de um único sexo, o masculino, a menina terá que, necessariamente, passar do modo masculino de sexualidade para o feminino.

Já em textos muito iniciais de sua obra Freud vai tratar da questão da sexualidade, e como ela se apresenta de modos diferentes para homens e para mulheres. Na Carta 75 (Freud, 1897) ele traz uma de suas principais idéias sobre o percurso da sexualidade feminina. Trata-se da idéia de *extinção* de uma zona sexual nas meninas, o clitóris, na passagem da infância para a adolescência, e sua substituição pela vagina. Freud coloca que se trata da substituição de uma zona sexual masculina por uma feminina, ou seja, até um determinado momento, a menina possui uma sexualidade masculina e só depois, então, sua sexualidade torna-se propriamente feminina.

Contudo, a principal diferença entre os sexos emerge na época da puberdade, quando as meninas são acometidas por uma repugnância *sexual* não-neurótica, e os meninos, pela libido. Pois, nesse período, extingue-se nas adolescentes (total ou parcialmente) mais uma zona sexual, que persiste nos adolescentes masculinos. Estou me referindo à zona genital masculina, a região do clitóris, na qual, durante a infância, tanto nas meninas como nos meninos, mostra-se concentrada a sensibilidade sexual (Freud, 1990 [1897], p.371).

O que operaria a passagem de uma zona sexual para outra seria a “repugnância *sexual* não-neurótica”. Essa repugnância pode ainda resultar na anestesia das mulheres e no papel desempenhado pela masturbação nas crianças predispostas à histeria. Ou seja, a matriz da feminilidade e da histeria seria a mesma. Isso fica ainda mais explícito nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905):

Nessa mudança da zona erógena dominante [do clitóris para a vagina], assim como na onda de recalçamento da puberdade, que elimina, por assim dizer, a

masculinidade infantil, residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria. Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade (Freud, 1989 [1905], p. 208).

No caso do menino, entretanto, desde o início já está colocado que tal exigência de substituição de zonas erógenas não se dá, ele mantém sua sexualidade masculina desde a infância até a vida adulta. O que mostra uma diferença entre a sexualidade de homens e de mulheres, e deixa explícito que para as segundas há um *détour* a mais do que para os primeiros. Podemos nos reportar a algumas passagens posteriores da obra freudiana onde ele fala disso mais explicitamente, mostrando ser esta uma idéia que ele não abandonou:

Quando se quer compreender a transformação da menina em mulher, é preciso acompanhar as vicissitudes posteriores dessa excitabilidade do clitóris (Freud, 1989 [1905], p. 208).

Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, nova, a vagina (Freud, 1974 [1931], p. 259).

Os senhores podem verificar que semelhante sinuosidade no desenvolvimento, o qual remove a atividade fálica, prepara o caminho para a feminilidade (Freud, 1976 [1932-1933], p. 157).

Essa sinuosidade da qual nos fala Freud pode acarretar algumas complicações para a sexualidade feminina. A exigência da transferência de excitação do clitóris para a vagina pode ter como conseqüência a anestesia sexual desta (Freud, 1990 [1897], p. 371, 1989 [1905], p. 208), que ocorreria devido a uma vicissitude do processo de recalçamento necessário para que a transferência seja efetuada. Segundo Freud (1905), para que se dê a passagem da sexualidade do clitóris para a vagina é necessário que a primeira seja recalcada. Caso haja uma recusa em abrir mão da excitação do clitóris, a mulher pode ficar anestesiada e a sexualidade feminina comprometida como um todo. Trata-se de um percurso delicado, pois nele próprio está implícita a possibilidade de que a feminilidade fique irremediavelmente comprometida.

A puberdade, que no menino traz um avanço tão grande da libido, distingue-se, na menina, por uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris. O que assim sucumbe ao recalçamento é uma parcela de sexualidade masculina. (...) Para que se efetue essa transferência, é preciso amiúde, um certo intervalo de tempo, durante o qual a moça fica insensível. Essa anestesia pode tornar-se permanente, quando a zona clitoridiana se recusa a abrir mão de sua excitabilidade, o que é preparado justamente por sua atividade intensa na vida infantil (Freud, 1989 [1905], p.208).

Portanto, para Freud, neste momento, é somente na puberdade que se dá a separação nítida entre a sexualidade masculina e a feminina, e esta separação ocorre justamente a partir da substituição, na menina, da excitação do clitóris pela da vagina. Ele não nega que já haja desde a infância disposições definidas em relação a ambos os sexos e dá como exemplo disso o desenvolvimento maior nas meninas que nos meninos de inibições sexuais como nojo e vergonha. Entretanto, a atividade auto-erótica entre os sexos é idêntica o que “suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade” (Freud, 1989 [1905], p. 206).

Uma outra característica da sexualidade infantil, além da prevalência da zona sexual masculina, é a suposição de que todos possuem pênis. Esta é a primeira das teorias sexuais infantis. Mas, na verdade, só os meninos se recusam a perceber a diferença entre os sexos, as meninas, ao contrário, reconhecem de imediato tal diferença e são tomadas pela inveja do pênis, que se traduz no desejo de ser um menino, ou seja, de ter um órgão igual ao dele.

Em 1908b é retomada a discussão sobre as teorias sexuais infantis num texto todo dedicado a essa questão: *Sobre as teorias sexuais das crianças*. Na constituição sexual normal, o pênis é, durante a infância, a principal zona erógena e faz parte das teorias sexuais infantis a suposição de que todos têm um pênis, inclusive as mulheres.

As meninas agem como se de fato o possuíssem, uma vez que, o clitóris se comporta como tal, ou seja, é estimulado e proporciona prazer tal qual o pênis para o menino. Por isso se faz necessário o que Freud chama de “uma vaga de

repressão” na puberdade para que essa sexualidade desapareça e surja a mulher. Ele não diz claramente, nesse momento, do que se trata essa repressão¹, à qual se refere, em 1905, como uma tendência maior ao recalçamento ou como “uma nova onda de recalçamento” (Freud, 1989 [1905] p.208), nem coloca como ou porque ela surge. Teremos que esperar por estas explicações até 1925. Quando estivermos tratando deste texto, voltaremos à questão do “a mais” de recalque nas mulheres.

Na infância o pênis é o órgão que concentra todas as atenções e a menina se sente prejudicada por não possuí-lo. Ela tenta se igualar ao menino mas, ao contrário dele, não se engana quanto ao fato de não ter o pênis, e a prova disso é a inveja, ela deseja o que sabe que não tem.

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas (...) e quando uma delas declara que ‘preferiria ser um menino’, já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar (Freud, 1976 [1908], p. 221).

É, portanto, muito precoce e também muito fundamental o papel que ocupa na teoria freudiana a questão da inveja do pênis para a compreensão da sexualidade feminina.

Só em 1920b, no texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, Freud vai acrescentar à sua teoria sobre a feminilidade uma nova e importante descoberta: a da ligação precoce da menina com a mãe.

Assim, desde anos muito precoces sua libido fluíra em duas correntes, das quais a da superfície é a que, sem hesitação, podemos designar como homossexual. Essa última era provavelmente uma continuação direta e imodificada de uma fixação infantil na mãe (Freud, 1976 [1920b], p. 208).

¹ O termo que aparece na tradução da Edição *Standard* Brasileira é “repressão”, que corresponde ao conceito do que se convencionou chamar no Brasil de “recalque”. Quando fizermos uma citação manteremos a palavra original, porém o termo que adotaremos no trabalho será “recalque”. Ver mais sobre a questão da terminologia na tradução da obra freudiana na obra de Hans, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

Ele chega a essa fixação infantil na mãe tentando entender o que fez com que a jovem em tratamento seguisse pela via da escolha homossexual de objeto. O motivo foi a decepção com o pai que a fez retornar à relação pré-edípica com a mãe. Porém, ainda não é nesse momento que ele vai extrair todas as conseqüências dessa descoberta para a compreensão da feminilidade.

Em 1923 Freud retoma algumas de suas considerações sobre a sexualidade infantil feitas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e se reposiciona em relação a outras. Ele afirma, por exemplo, que não mais se satisfaria com a afirmação de que, durante a infância, a primazia dos órgãos genitais é efetuada de forma incompleta e faz uma aproximação muito maior entre a sexualidade das crianças e a dos adultos. O interesse da criança nos genitais, no auge da sexualidade infantil, pouco se distancia do que é observado na vida adulta. A diferença primordial consiste no fato de que na organização genital infantil está em jogo apenas um órgão genital tanto para meninos quanto para meninas, o masculino. Esta é a principal característica da vida sexual infantil.

Ao mesmo tempo, a característica principal dessa 'organização genital infantil' é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo* (Freud, 1976 [1923b], p. 180).

Essa é a linha mestra do pensamento freudiano sobre a sexualidade. É isso que vai marcar toda a teoria sobre a sexualidade feminina pois é daí que é derivada a inveja do pênis, uma vez que as meninas se vêem em desvantagem em relação aos meninos por serem desprovidas de um atributo tão importante.

Ainda com relação à primazia do falo, Freud acrescenta que só é possível descrever as coisas como elas se passam do ponto de vista do menino, já que ele diz não conhecer como se dá o processo correspondente nas meninas. “Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos” (Freud, 1976 [1923b], p. 180). Mas, lembramos que em 1908b ele

faz uma afirmação diferente desta quando coloca que as meninas partilham da opinião dos meninos sobre o pênis e também extraem prazer de sua zona sexual equivalente, o clitóris.

A conseqüência dessa primazia do falo é que “os órgãos genitais femininos jamais parecem ser descobertos” (Freud, 1976 [1923b], p. 183-184). Freud não quer dizer com isso que a menina não explore seu órgão genital e não extraia prazer daí. O que ele enfatiza é que a vagina não se apresenta enquanto um outro órgão sexual diferente do pênis. A oposição não é entre pênis e vagina e sim entre pênis e não-pênis. O sexo da mulher, devido ao universalismo contido no falocentrismo, não é visto enquanto um outro sexo e sim como o resultado da castração e isso tem como uma de suas conseqüências a depreciação do sexo feminino.

No entanto, a descoberta de que existem determinados seres humanos, as mulheres, que não possuem pênis não se dá de forma rápida pelos meninos. Eles rejeitam o fato e acreditam que realmente vêm um pênis nas meninas, só que ele ainda é pequeno e vai crescer. Depois acreditam que apenas aquelas consideradas desprezíveis não o possuem. Quando finalmente percebem que as mulheres, de um modo geral, inclusive sua mãe, não possuem o pênis, isso adquire o significado de que, então, ele já esteve lá e foi retirado. Com isso ele também corre o risco de ficar sem e se sente ameaçado. Essa ameaça é a face masculina do complexo de castração.

Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração (Freud, 1976 [1923b], p. 182).

A partir dessa afirmação pode-se perceber como a lógica fálica é importante na obra freudiana. Toda a sexualidade infantil, a transferência da zona de excitação do clitóris para a vagina, a inveja do pênis nas meninas, a ameaça de castração para os meninos, a depreciação das mulheres, tudo isso é desdobramento da prevalência do falo. Por isso, pensar numa lógica que não se

refira inteiramente ao falo, representa uma importante virada em relação a essas questões. É justamente disso que estaremos tratando nos capítulos 4 e 5.

Ainda no que se refere à primazia fálica, em 1924, quando trata da dissolução do complexo de Édipo, Freud acaba por lhe atribuir mais conseqüências. Primeiro ele afirma que ambos, o Édipo e a fase fálica, são contemporâneos, depois ele conclui que é a partir da ameaça de castração que o menino sai do Édipo. E essa ameaça só tem força suficiente para desligar o menino de sua relação amorosa com a mãe devido à importância que o seu órgão fálico tem para ele. Vejamos como isso ocorre.

Freud inicia o texto *A dissolução do complexo de Édipo* afirmando ser esta dissolução o “fenômeno central do período sexual da primeira infância”. (Freud, 1976 [1924], p. 217). Nesse momento ele ainda dá tratamento análogo ao Édipo de meninos e meninas: esta se enamora do pai e aquele da mãe. Há duas formas de satisfação a partir do Édipo: uma passiva e outra ativa. A primeira comporta uma identificação da criança com a mãe, enquanto aquela que é amada pelo pai, e diz respeito a uma posição feminina, e a segunda uma identificação ao pai, enquanto aquele que ama a mãe, e fala de uma posição masculina. Para o menino, caso ele queira preservar o seu órgão fálico, ambas as formas de satisfação no Édipo se tornam impossíveis. A identificação com a mãe já pressupõe a perda do pênis, tomá-la enquanto objeto, identificando-se com o pai, traz a ameaça de castração. O efeito dessa ameaça é proporcional ao valor que o menino confere ao seu órgão, por isso só lhe resta abandonar o Édipo.

A ameaça de castração geralmente é feita pelas mulheres que tomam conta da criança, mãe ou babá (Freud, 1909, 1924, 1931). Estas, por sua vez, fazem referência ao pai como aquele que virá consumir o ato. A castração da mulher confirma, para o menino, a hipótese de que é realmente possível perder o pênis e é isso que confere eficácia à ameaça. É a partir, então, da castração feminina que a ameaça de castração se torna eficaz. Lacan retomará esse ponto da teorização freudiana em seu *Seminário 05* (1957-58) tratando os personagens envolvidos na trama do Édipo enquanto funções simbólicas, mas ratificando as afirmações freudianas sobre o assunto. Ele afirma que é necessário que a mãe

porte a lei paterna a fim de transmiti-la ao filho, ou seja, nos termos freudianos, que a mãe seja castrada. Veremos como Lacan trata desse assunto no capítulo 4.

E a menina, como ela sai do Édipo, uma vez que já nasce castrada?

Freud diz:

Nesse ponto nosso material, por alguma razão incompreensível, torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas. Também o sexo feminino desenvolve um complexo de Édipo, um superego e um período de latência. Será que também podemos atribuir-lhe uma organização fálica e um complexo de castração? A resposta é afirmativa, mas essas coisas não podem ser as mesmas como são nos meninos. Aqui a exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico (Freud, 1976 [1924], p. 222).

Apesar de o clitóris se comportar como se fosse o pênis, a menina percebe que “se saiu mal” ao se comparar com o menino, e é nisso que consiste a diferença essencial entre a castração para este e para aquela. Para a menina a castração é um fato consumado, enquanto que para o menino é da ordem de uma ameaça, a conseqüência disso é que o menino sofre com a angústia de castração enquanto as meninas padecem da inveja do pênis. É dessa maneira que se presentifica, para o sexo feminino, o complexo de castração. No capítulo 4 veremos o tratamento dado por Lacan (1962-63) à questão de a castração para a menina ser um “fato consumado”.

Em 1923a, no texto *O ego e o id*, Freud descreve a saída do Édipo, no caso do menino, a partir da ameaça de castração e acrescenta que é nesse momento que surge o superego². Ele é o herdeiro do complexo de Édipo e simboliza a internalização da lei paterna. O menino, para preservar o pênis, é obrigado a abrir mão da mãe, enquanto objeto amoroso e se identificar ao pai, à sua lei. A partir da internalização dessa lei, os ideais culturais podem ser assumidos pelo menino.

² Mais uma vez, chamamos a atenção para a terminologia utilizada na tradução brasileira da obra de Freud. No texto de 1923a os termos que aparecem são: *ego*, *id* e *superego*. Aqui estaremos utilizando respectivamente os termos: *eu*, *isso* e *supereu*. Nas citações estaremos mantendo a tradução original.

O importante neste momento é chamarmos a atenção para a diferença entre os sexos no que diz respeito à castração, pois o fato de a menina não ter o que temer diante da ameaça de castração terá conseqüências importantes em sua saída do Édipo e na formação de seu supereu. As conclusões de Freud a esse respeito ficam claras em 1925, mas, já em 1924, quando lemos: “(...) é minha opinião ser a ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança.” (Freud, 1976 [1924], p. 219), é possível concluir que a mulher está fadada a nunca desvencilhar-se da organização genital típica da infância, ou seja, ela, na verdade, permanece incestuosa, permanece no Édipo.

Freud acrescenta que, por não apresentar o temor da castração, a menina também não possui o principal motivo para a constituição de um supereu e as mudanças em sua organização sexual ficam a encargo da ameaça de perda de amor.

Estando excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil. Nela, muito mais que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor (Freud, 1976 [1923b], p. 223).

Seria, então, essa ameaça de perda de amor o que acaba fazendo com que a menina renuncie ao pênis. Entretanto, essa renúncia não é feita sem uma certa compensação, que consiste em trocar o pênis por um bebê, mais especificamente, um filho do pai. Essa troca é possível graças à linha de uma equação simbólica que equivale pênis e bebê. Esta colocação de Freud pode nos indicar que ele não toma o pênis exclusivamente enquanto o órgão sexual masculino, mas sim enquanto algo simbólico, que representa alguma outra coisa e que, por isso, pode ser substituído.

Quanto à saída do complexo de Édipo para a menina, Freud afirma que ela se dá de forma gradativa, uma vez que o desejo de ter um filho do pai jamais é realizado. Entretanto, tanto o desejo de ter um pênis quanto o desejo de ter um filho, permanecem altamente investidos no inconsciente da mulher, e é

justamente isso que ajuda a preparar a menina para a posição feminina. Ou seja, a posição feminina, para Freud, não passa pelo abandono do desejo de pênis, ao contrário, é preparada por ele.

Até o momento Freud descrevia a vida sexual infantil a partir do que acontecia à criança do sexo masculino. O que acontecia com as meninas era tomado à imagem do que se passava com os meninos. Por isso, Freud começa o texto de 1925, *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, chamando a atenção para esse fato e anunciando que vai tratar, justamente, das diferenças entre a vida sexual de meninos e meninas³.

É aí que ele fala pela primeira vez que a mãe é o objeto original tanto de meninos quanto de meninas e acrescenta que isso coloca para estas um problema a mais que para os primeiros: enquanto estes retêm o objeto original no complexo de Édipo, aquelas têm que trocar de objeto, trocar a mãe pelo pai. Procurando saber como ocorre, então, que as meninas abandonem a mãe e tomem o pai como objeto, Freud chega às principais conclusões desse texto.

É também aí que Freud vai afirmar expressamente o que já havia dado a entender em várias outras oportunidades: que existe um contraste entre o comportamento de meninos e o das meninas diante da falta de pênis destas. Elas reconhecem este fato prontamente, enquanto os meninos o rejeitam durante bastante tempo. “A menina se comporta diferentemente. Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (Freud, 1976 [1925], p. 314).

Em seguida Freud vai falar dos desdobramentos da inveja do pênis. O primeiro deles é o sentimento de inferioridade que a mulher passa a sentir em relação ao homem, pelo fato de não ser dotada de tão importante atributo – o pênis. O papel do ciúme na vida das mulheres que, ainda de acordo com o texto de 1925, é muito mais acentuado que na dos homens, constitui outro desdobramento da inveja do pênis. A fantasia de que “uma criança é espancada”,

³ A respeito das dificuldades de Freud com a teorização da sexualidade feminina e também do que diz respeito ao fato de tomar a vida sexual dos meninos como modelo, fazendo apenas “as necessárias modificações” quanto ao caso das meninas, ver a nota do editor inglês ao texto *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, 1925, Rio de Janeiro: ESB, Imago, vol. XVII, 1976, p. 303-307.

descrita por Freud em 1919, é, segundo ele, uma “reliquia do período fálico nas meninas” e provém do ciúme provocado pela afeição dos pais por outra criança (Freud, 1976 [1925], p. 316).

A pergunta do início do texto, a respeito de como a menina abandona a mãe e se dirige ao pai, também tem sua resposta remetida à inveja do pênis. Afinal de contas, é por tê-la trazido ao mundo insuficientemente aparelhada que a menina vai se ressentir com a mãe e se desligar dela. O pai surge, então, como aquele que pode dar à menina o tão desejado pênis, na forma de um filho.

Mas, a mais importante de todas as conseqüências da inveja do pênis é o abandono da masturbação clitoridiana. O tema da transferência da excitação do clitóris para a vagina, como já vimos, aparece muito cedo na obra de Freud. E sempre que o assunto é esse, o que é apresentado enquanto mola propulsora de tal passagem é um *plus* de recalçamento. Entretanto, as causas desse recalçamento não tinham chegado ainda a ser compreendidas.

Freud conclui agora que o precursor desse recalçamento é a oposição levantada pela menina contra a masturbação fálica. Ele sempre chamou a atenção para o fato de que as mulheres pareciam menos afeitas à masturbação que os homens e julgava que isso ocorria devido a pressões externas, educacionais. No entanto, ele se dá conta, neste momento, de que a causa disso “não pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis” (Freud, 1976 [1925], p. 317-18). Como, nesse quesito, não podem competir com os meninos, melhor é abandonar a idéia da masturbação. É o reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos, ou seja, do fato de não possuir um pênis, que força a menina a se afastar da masculinidade e se conduzir à feminilidade. Só então, a menina abandona seu desejo pelo pênis e coloca em seu lugar, graças à equação pênis-bebê, o desejo de um filho. É “*com esse fim em vista*” (Freud, 1976 [1925], p. 318) que a menina toma o pai como objeto de amor. O Édipo feminino seria, então, nas palavras de Utchitel, “o herdeiro direto da inveja do pênis” (Utchitel, 2001, p. 88-89).

Como é possível observar, todos os importantes desdobramentos da vida sexual da mulher são ocasionados pela inveja do pênis: o sentimento de

inferioridade das mulheres em relação aos homens, uma vez que estes têm o que elas não têm; o ciúme mais exagerado nas meninas que nos meninos, pois a mãe deu para outra criança algo que não lhe deu; o desligamento afetivo da menina em relação à mãe, devido ao fato de esta ter-lhe trazido ao mundo tão insuficientemente aparelhada; o abandono da masturbação clitoridiana e a passagem da excitabilidade desta zona para a vagina, decorrente da ferida narcísica ocasionada pela comparação do clitóris com o pênis. E por fim, graças à desistência de tentar conseguir um pênis, a subtração de um quantum considerável de atividade sexual e sua substituição pela passividade. A partir daí é possível tomar o pai como objeto de investimento amoroso, com o propósito último de conseguir um bebê em troca do pênis.

Nas meninas, portanto, o complexo de Édipo é uma formação secundária e tem uma longa pré-história. Além disso, ao contrário do que acontece com o Édipo dos meninos, ele é precedido pelo complexo de castração e não destruído por este. A principal diferença entre os sexos é decorrente de uma castração já consumada, no caso das meninas e de uma castração apenas ameaçada, no caso dos meninos, e isso tem grandes repercussões para ambos.

Pelo fato de não sofrer a ameaça de castração, a mulher deixa de ter o principal motivo para a saída do Édipo e para a constituição de um superego bem estruturado como o do homem.

Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima referimos (Freud, 1976 [1925], p. 319-20).

Esses traços de caráter de que fala Freud, não são mais encontrados tão facilmente na maioria das mulheres de hoje. A partir da inserção destas no mundo

do trabalho, tornou-se mais possível sua adequação a um supereu mais rígido e impessoal como o dos homens. Consideramos que, por hora, o que deve ser ressaltado do texto de 1925, é a colocação em termos inequívocos da grande importância que tem, na sexualidade feminina, a questão fálica. O abandono do clitóris, enquanto principal zona erógena, e da mãe, enquanto objeto amoroso, são derivados da inveja do pênis e constituem as duas condições necessárias, segundo Freud, à constituição da “verdadeira feminilidade”.

É justamente no momento em que abandona a mãe que surge a importância da figura do pai no desfecho da sexualidade feminina, pois, é a partir do endereçamento a ele que a menina vai entrar no Édipo e aceder à feminilidade propriamente dita. Esse endereçamento é fundamental para que o Édipo possa exercer o papel normalizador da sexualidade. Lacan no *Seminário 05* (1957-58), quando trata dos três tempos do Édipo, deixa bem clara a importância do pai para a assunção dos papéis sexuais tanto de mulheres quanto de homens.

Em 1931 Freud vai escrever um texto dedicado exclusivamente ao desenvolvimento sexual da mulher, *Sexualidade feminina*. Nesta ocasião ele vai tratar detalhadamente da ligação da menina com a mãe, ressaltando suas principais características e tentando compreender como e por que ela chega ao fim.

Vários motivos são apresentados para o rompimento dessa relação primordial: o fato de a mãe não ter dado o pênis à filha; de não ter-lhe dado amor suficiente; de ter preferido outra criança a ela; de ter-lhe despertado a atividade sexual e depois tê-la inibido. Mas, parece que todos esses motivos são insuficientes para explicar a hostilidade da filha para com a mãe. Tal hostilidade é explicada, de fato, através do caráter predominantemente ambivalente que têm as relações da primeira infância.

Talvez o fato real seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa (Freud, 1974 [1931], p. 269).

Concluiremos, então, que a intensa ligação da menina com a mãe é fortemente ambivalente, sendo precisamente em consequência dessa ambivalência que

(com a assistência dos outros fatores que aduzimos) sua ligação se afasta à força da mãe mais uma vez, isto é, em consequência de uma característica geral da sexualidade infantil (*Ibid.*, p. 270).

Essa ambivalência característica da sexualidade infantil, cercada de hostilidade e transitivismo entre o sujeito e o outro, é decorrente do caráter imaginário que cerca a relação entre a criança e a mãe antes da entrada do pai em vigor. É a partir daí, do endereçamento que é feito ao pai, que se pode falar da assunção propriamente dita dos papéis sexuais tanto do homem quanto da mulher.

Freud finaliza seu texto de 1931 com o comentário de que o afastamento da menina em relação à mãe é muito mais que uma simples mudança de objeto.

Já descrevemos o que nele acontece e os muitos motivos apresentados para ele; podemos agora acrescentar que, de mãos dadas com o mesmo, deve ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos (Freud, 1974 [1931], p. 274).

O endereçamento ao pai é realizado a partir dessas tendências passivas, na medida em que conseguem escapar dos efeitos do recalçamento das tendências ativas. Desse modo,

O caminho para a feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edípica à mãe, ligação que superou (*Ibid.*, p. 275).

Assim a menina é conduzida à feminilidade, através do encaminhamento ao pai, mas sempre lembrando que é preciso para isso ultrapassar sem maiores problemas a ligação primeira com a mãe. Esse assunto é extensamente trabalhado nos últimos textos de Freud sobre a sexualidade feminina. Em 1933 [1932], numa conferência intitulada *Feminilidade*, ele começa com uma retomada dos principais pontos desenvolvidos nos textos anteriores sobre a sexualidade feminina e discorre longamente sobre a importância da vinculação primordial da menina à

mãe. Diz que esse estágio inicial é rico e duradouro e deixa atrás de si inúmeras possibilidades de fixações e disposições. E ainda acrescenta:

Quase tudo o que posteriormente encontramos em sua [da menina] relação com o pai, já esteve presente em sua vinculação inicial e foi transferido, subseqüentemente, para seu pai. Em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edipiana à mãe (Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 148).

Essa vinculação, em geral, termina em ódio e, apesar de levantar várias possibilidades para que isso aconteça, Freud acaba por concluir que o verdadeiro motivo para o afastamento da mãe é a castração. Primeiro a menina culpa a mãe por tê-la trazido ao mundo castrada, depois, quando descobre que a mãe também é castrada, passa a desvalorizá-la. “A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina” (Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 155).

Diante da castração, Freud coloca que as três saídas possíveis para a mulher são: a inibição sexual ou a histeria, o complexo de masculinidade e a feminilidade verdadeira, através da maternidade. Em todas três, o que está em jogo é a inveja do pênis, ou seja, a questão fálica.

Na primeira possibilidade ocorre a perda do prazer obtido a partir do clitóris diante da comparação deste com o pênis. A menina percebe que está em desvantagem e prefere abandonar o prazer clitoridiano. A partir daí, boa parte de suas inclinações sexuais é recalcada e a menina fica anestesiada. Juntamente com a excitação do clitóris, é necessário que a menina renuncie a uma determinada parcela da atividade. A passividade passa, então, a predominar e é isso o que permite o endereçamento ao pai, com o conseqüente encaminhamento para o que seria a terceira possibilidade, ou seja, a verdadeira feminilidade.

(...) semelhante sinuosidade no desenvolvimento, o qual remove a atividade fálica, prepara o caminho para a feminilidade. (...) O desejo que leva a menina a voltar-se para o pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo

desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica (Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 157-58).

A maternidade é pois, uma forma outra de conseguir o falo através da substituição do pênis pelo bebê. A outra saída possível - complexo de masculinidade – ocorre quando a menina se recusa a abrir mão de sua sexualidade masculina ficando, pelo contrário, ainda mais aferrada a ela, sendo a homossexualidade um dos desfechos possíveis. O complexo de masculinidade comporta uma atitude geralmente desafiadora e rebelde e pressupõe uma evitação da passividade.

Como se pode perceber, para Freud, o caminho até a feminilidade, além de não ser dado de saída, é também tortuoso e com grandes chances, inclusive, de não poder ser percorrido até o final. Além disso, a verdadeira feminilidade não comporta, de fato, um abandono da inveja do pênis. Sua via régia seria a maternidade, que nada mais é do que a substituição do pênis pelo filho. Por mais que essa substituição implique numa simbolização do pênis, que deixa de estar exclusivamente remetido ao órgão masculino, a sexualidade feminina não deixa de permanecer totalmente remetida à ordem fálica. Por isso, como afirma Birman em sua análise da questão fálica em Freud:

(...) a solução para o conflito feminino e o impasse da castração seriam sempre, no discurso freudiano, a restauração da plenitude fálica (...) (Birman, 2001, p. 206).

Para Freud, então, o caminho para a feminilidade não implica num abandono da posição fálica, e sim num apelo ao pai para que este lhe dê na forma de um filho o tão desejado falo. Como coloca Utchitel (2001), a feminilidade acaba se situando, paradoxalmente, como uma derivação da masculinidade. Embora o deslocamento do pênis em direção ao filho já comporte uma simbolização, o que é específico da feminilidade fica restrito à inveja do pênis na

teorização freudiana, não havendo outra possibilidade para a compreensão da feminilidade:

Não é senão com o surgimento do desejo de ter um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido do pai e, de acordo com isso, o objetivo do *mais intenso desejo feminino* (Grifo nosso. Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 158).

Com muita frequência, em seu quadro combinado de 'um bebê de seu pai', a ênfase é colocada no bebê, e o pai fica em segundo plano. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis ainda está ligeiramente visível na feminilidade alcançada desse modo. Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino (*Ibid.*)

Ao longo do texto Freud vai listando uma série de características tipicamente femininas, “algumas peculiaridades psíquicas da feminilidade madura” (Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 161) tais como: vaidade, narcisismo e vergonha. E, mais uma vez, o pano de fundo sobre o qual surgem todas essas características é a inveja do pênis, a ponto de Freud levantar a possibilidade de ser acusado de esta ser sua “*idée fixe*” (*Ibid.*, p. 162). A feminilidade fica restrita à maternidade e é esse o caminho privilegiado para o sucesso do relacionamento homem/mulher.

Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como uma mãe (Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 164).

No entanto, com tanta frequência sucede que apenas o filho obtém aquilo a que o homem aspirava! Tem-se a impressão de que o amor do homem e o amor da mulher psicologicamente sofrem de uma diferença de fase (*Ibid.*).

Apesar de propor tais soluções, a sexualidade feminina permanece enigmática para Freud e ele nos dá testemunho disso até o final de sua obra. É curioso observar que, quanto à compreensão da feminilidade, ele acaba por apelar para uma outra lógica, que não a científica – ele fala dos poetas.

Isso é tudo o que tinha a dizer a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. (...) Se quiserem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes (Freud, 1976 (1933 [1932]), p. 165).

Vamos observar, no Capítulo 3, que o modelo de ciência utilizado por Freud – a ciência moderna – realmente deixava de fora qualquer outra lógica que não fosse a lógica fálica e, justamente isso, conferiu os limites ao tratamento da feminilidade. A teoria freudiana, apesar de toda virulência dos conceitos de desejo inconsciente, sexualidade infantil, pulsões perverso polimorfos, entre outros, no que diz respeito à sexualidade feminina, mostrou-se bastante alinhada com as teorias modernas sobre a mulher.